

Considerações acerca das estruturas denominadas *small clauses*

Andréia Rutiquewiski Gomes
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Irati - PR

Resumo: Este artigo discute pressupostos teóricos acerca das *small clauses* e evidencia estruturas que são encontradas na literatura sob esse termo. Para isso, são analisadas teorias como a de Stowell (1983), Larson (1988) e Rothstein (1995). Os resultados mostram que não é uma tarefa simples delimitar o que o termo *small clause* é capaz de englobar e significar, já que vários tipos diferentes de construções podem receber essa denominação.

Palavras-chave: *Small clauses*. Pressupostos teóricos. Estruturas.

Abstract: This article offers a discussion of theoretical presuppositions about the *small clauses*, pointing out structures that are grouped under this term in the revised literature. Theories by Stowell (1983), Larson (1988) and Rothstein (1995) are analyzed. The results show that it is not an easy task to delimitate what the term “*small clause*” can embody and signify, since many different types of constructions may receive this denomination.

Key words: *Small clauses*. Theoretical presuppositions. Structures.

Considerações iniciais

As *small clauses* referem-se a um subconjunto de construções que expressam uma relação entre sujeito e predicado. Ao contrário do que ocorre em uma sentença plena, o predicado numa *small clause* não é um verbo flexionado, mas um verbo no infinitivo, gerúndio ou particípio, um adjetivo, um sintagma preposicionado ou um sintagma nominal. (CARDINALETTI; GUAUSTI, 1995, p. 2).

O termo *small clause* é empregado, geralmente, em oposição à sentença plena. Isso, contudo, não quer dizer que a estrutura de uma *small clause* é, necessariamente, menos complexa que a de uma sentença plena. É possível afirmar que as *small clauses* são construções intrigantes, pois apresentam, ao mesmo tempo, características semelhantes e díspares das sentenças plenas.

Segundo Stowell (1995, p. 272), a principal diferença entre as duas construções é que as *small clauses* não contêm nenhum verbo auxiliar ou

morfologia de tempo/aspecto associado às estruturas, embora o núcleo de uma *small clause* adjetival apresente concordância de número e gênero com o sujeito em algumas línguas. Já a principal analogia é que ambas apresentam a geometria convencional sujeito/predicado e expressam o mesmo tipo de relação de predicação semântica.

Muitos lingüistas têm procurado apresentar um tratamento para as similaridades e assimetrias existentes entre as *small clauses* e as sentenças plenas. A hipótese original sobre o tema (Teoria *Small Clause*) acabou adquirindo uma grande extensão e a literatura tornou-se considerável. Além de existirem distintas visões teóricas, há, também, diferentes estruturas tratadas como *small clauses*. Diante deste quadro, o presente estudo, estritamente bibliográfico, tem como objetivo promover uma discussão sobre as *small clauses*. Para tanto, este artigo está dividido em quatro partes. Na primeira parte, são apresentadas as linhas relevantes de análise encontradas na literatura. A Teoria *Small Clause* e as suas extensões são analisadas na segunda parte. A seguir (terceira parte), é exposta a visão de Rothstein (1995, 2001), que estabelece uma divisão entre *small clauses* (predicação primária) e predicados adjuntos (predicação secundária). Por fim, na quarta seção, são tecidas considerações sintetizadoras. A partir das reflexões promovidas neste trabalho, espera-se relacionar posicionamentos teóricos sobre o tema e oferecer um breve panorama acerca das construções denominadas *small clauses*.

1. Linhas de análise

Muitos autores já se dedicaram à discussão das *small clauses* e a estrutura ...V NP XP_{pred}¹ tem sido analisada sob diferentes pontos de vista. As principais teorias, segundo Cardinaletti e Guasti (1995), discutem se a seqüência NP XP realmente forma ou não um único constituinte e se o verbo matriz e o predicado XP formam um predicado complexo ou não.

Três linhas de análise da estrutura ...V NP XP_{pred} são relevantes na literatura gerativa: a Teoria *Small Clause*, a Teoria da Predicação e a Teoria Predicado Complexo.

Stowell (1983) é o principal representante da hipótese de que a seqüência [NP XP] forma um único constituinte, isto é, que sujeito e predicado formam uma *small clause*. Esses pressupostos estão determinados na Teoria *Small Clause*.

Com idéias opostas, Williams (1983) e Schein (1995) defendem que a seqüência NP XP não forma um constituinte (*small clause*). Para Williams

¹ As categorias usadas pela gramática gerativa aparecem neste estudo com rótulos referentes à língua inglesa (NP - *nominal phrase*, VP - *verbal phrase*, AP - *adjectival phrase*, PP - *prepositional phrase* e assim por diante). Em XP, ocorre a variável X que ganha valor dependendo da categoria do constituinte (ex. se for um adjetivo, o valor de X será A).

(1983), tanto o NP quanto o XP são argumentos do verbo principal, em que a relação de predicação ocorre. Esta visão é chamada de Teoria da Predicação.

Uma outra hipótese é a do Predicado Complexo, proposta inicialmente por Chomsky (1975). De acordo com essa teoria, não há formação de um constituinte (*small clause*) entre o NP e o XP, mas o NP é um argumento do predicado complexo formado pelo XP e pelo verbo da sentença matriz.

A Teoria de Stowell (1983) constitui a principal linha teórica deste estudo, já que é a única, dentre as três visões, que defende a existência de *small clauses*. No entanto, é importante salientar que há autores, como Cardinaletti e Guasti (1995), que argumentam que as teorias *Small Clause* e Predicado Complexo não são mutuamente exclusivas.

2. A teoria *small clause*

De modo geral, os primeiros estudos sobre as *small clauses* afirmam que estas construções não contêm nenhuma projeção funcional, já que as consideram opostas às sentenças plenas. Este é o caso da Teoria de Stowell (1983), retomada também em Stowell (1995), que defende que a *small clause* é uma projeção lexical, na qual o sujeito ocupa a posição de especificador.

Segundo Stowell (1995, p. 271), construções como as exemplificadas em (1) são as que originalmente motivaram a Teoria *Small Clause*.

- (1) a. We consider John clever.
- b. John seems clever.
- c. Angry at everyone, John left the party.

Às construções em (1), Stowell atribuiu as seguintes estruturas:

- (2) a. We consider [John clever].
- b. John_i seems [_t_i clever].
- c. [PRO_i Angry at everyone], John_i left the party.

Stowell afirma que as *small clauses* destacadas em (2) são APs e que o sujeito do predicado adjetival está localizado em uma posição de sujeito dentro do AP. Por essa razão, o sujeito da *small clause* é o vestígio em (2b) e o PRO² em (2c).

O autor salienta que os predicados adjetivos em (2) combinam com sujeito nulo ou explícito para formar um tipo de constituinte oracional, paralelo à análise padrão de construções infinitivas envolvendo Marcação Excepcional de Caso (ECM – *Exceptional Case Marking*) com um sujeito explícito (3a), alçamento com um vestígio de sujeito (3b) e construção de controle com um sujeito PRO (3c):

² PRO (leia-se *prozão*) - categoria vazia (*ec/empty category*) controlada pelo sujeito matriz.

- (3) a. We consider [John to be clever].
 b. John_i seems [t_i to be clever].
 c. [PRO_i to get back to the office on time], John_i left the party.

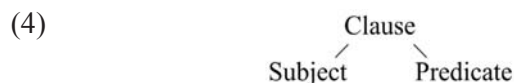
É possível verificar que os adjetivos presentes nas *small clauses* em (2) estão, segundo a gramática tradicional, em função predicativa. No entanto, nestas mesmas estruturas, pode ser observado o predicativo em duas situações distintas: uma em que ele permanece junto de seu sujeito (2a); outra em que se separa de seu sujeito (2b, 2c).

Em (2a) *We consider John clever*, o sujeito *John* e o predicado *clever* podem ficar juntos porque o Caso (Acusativo) de *John* está disponível através de ECM pelo verbo matriz *consider*.

No caso da sentença *John seems clever* (2b), o verbo inacusativo³ *seems* está selecionando uma *small clause* como complemento: *Seems* [_{sc} *John clever*]. É o AP *clever*, e não o verbo, que atribui papel temático ao sujeito da *small clause* *John*. Isso equivale a dizer que *John* é um argumento de *clever* e não de *seems*. Como na posição de argumento interno de verbo inacusativo *John* não tem Caso (já que *seems* é incapaz de atribuir Caso Acusativo), este elemento é alçado posteriormente para Spec de IP em busca de Caso (Nominativo) e o predicado *clever* é abandonado *in situ*. É por esse motivo que, em complemento de verbo de alçamento, sujeito e predicado da *small clause* não podem permanecer juntos.

Em (2c), o sujeito do predicativo é a categoria vazia PRO a fim de que se evite a violação do critério-theta pela atribuição de dois papéis temáticos a um mesmo argumento. Ou seja, em (2c), Stowell postula um PRO de controle: há necessariamente uma co-referência da categoria vazia (*ec*) com *John*. Contudo, essa *ec* não pode ser considerada um vestígio de *John* (já que não está tratando de um caso de alçamento), como ocorre no caso do verbo *seem* em (2b).⁴

A Teoria *Small Clause* de Stowell consiste, basicamente, numa hipótese geral sobre a estrutura sintática e semântica da predicação nas línguas naturais. Para o autor, a relação estrutural em (4) ocorre no caso das sentenças plenas. Essa relação semântica é refletida numa estrutura de constituintes, no sentido de que a relação entre o sujeito e o predicado é sempre sintaticamente ligada em termos de um par de constituintes irmãos.



³ Um verbo inacusativo seleciona apenas argumento interno. Assim, o DP *John* que aparece na posição de sujeito não é argumento externo de *seems*.

⁴ Rothstein (1995) assume uma hipótese diferente para estruturas como (2c). A autora baseia-se em Schein (1995) para solucionar a violação do critério-theta, não adotando a postulação de PRO. Com isso, Rothstein faz uma separação das *small clauses* originais de Stowell em predicados secundários e *small clauses* complementos, como se verá na próxima seção.

O pressuposto desta hipótese é que as *small clauses* expressam o mesmo tipo de predicação semântica entre um predicado e seu sujeito que ocorre nas sentenças plenas.

Para Stowell, o domínio de predicação é sempre formado por uma oração, que contém um predicado aplicado a um sujeito. Este autor afirma que a *small clause* é a projeção máxima da categoria de seu predicado. Assim, muitos tipos de XPs, incluindo NP, VP, AP, PP e IP podem servir como domínios de predicação.

Stowell (1995, p. 275-276) salienta que do quadro original da Teoria *Small Clause* emerge que toda categoria XP pode conter uma posição de sujeito, independentemente de a categoria em questão ser AP, VP, NP ou PP. Isso faz com que seja possível uma condição local de atribuição de papel-theta (papel- χ) para o sujeito: um núcleo predicado X pode atribuir um papel- χ somente para o XP que ocupa a posição- χ dentro daquele XP.

A teoria de Stowell, ao longo dos anos, tem sido ampliada para outras construções, até mesmo para além do limite da predicação não-verbal. Esse fato, segundo o próprio autor, acabou contribuindo para, muitas vezes, obscurecer o que o termo *small clause* significa.

Outra questão a ser destacada é que a partir da visão de Stowell, a literatura passa a afirmar que as *small clauses* não consistem simplesmente em uma projeção lexical, mas contêm algum tipo de projeção funcional. Com isso, diferentes tipos de projeções funcionais (como AgrP, TopP e AspP)⁵ já foram atribuídas à estrutura interna da *small clause*. Alguns autores (como Starke, 1995) chegaram a estabelecer uma comparação completa da estrutura das *small clauses* com as sentenças plenas, ou seja, atribuíram a elas todos os núcleos funcionais presentes nas sentenças plenas. Contudo, a hipótese original de Stowell permanece nos estudos que a seguiram: a atribuição de papel temático ocorre em relações estritamente locais, ou seja, cada XP (VP, NP, AP e PP) theta-marca seu sujeito. Esta idéia pode ser considerada como uma das maiores contribuições da Teoria *Small Clause*.

2.1 Algumas extensões da teoria *small clause*

A denominação *small clause* é atribuída também para outras estruturas, tais como as orações existenciais (5), as sentenças resultativas (6), os complementos de verbos de percepção (7) e as construções dativas com duplo objeto (8) (destacadas por Moro, 1995 e Stowell, 1995):

(5) There is [_{SC} a fool in the garden]]⁶,

(6) John hammered [_{AP} the nail flat])

⁵ AgrP (*Agreement Phrase*)/TopP (*Topic Phrase*)/AspP (*Aspect Phrase*).

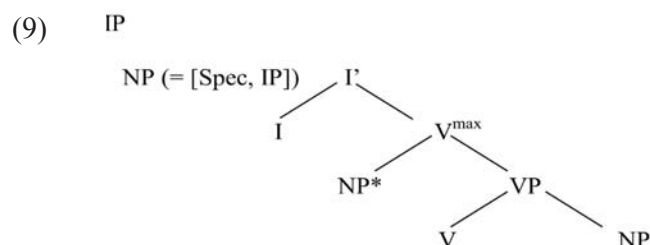
⁶ Burzio, L. **Italian syntax**. Reidel: Dordrecht, 1986.

(7) Maria vide [_{SC} Gianni che correva verso casa])⁷

(8) John gave [_{NP} Bill a book])⁸.

Stowell (1995) afirma que a Análise Sujeito Interno a VP de sentenças “normais ou plenas” (Koopman; Sportiche, 1991) e a Hipótese VP *Shell* (Larson, 1988), discutidas a seguir, são as mais simples e importantes extensões da Teoria *Small Clause*. Ambas assumem que o sujeito de um predicado verbal é gerado em Spec de VP.

Segundo Koopman e Sportiche (1991, p. 212), a estrutura interna de uma sentença é como em (9), em que a posição canônica (ou estrutura profunda) do argumento externo de V é NP*, lugar em que é gerado. NP (Spec IP) é a posição do sujeito nas sentenças declarativas (estrutura superficial) e V^{max} é uma *small clause*, cujo predicado é VP.

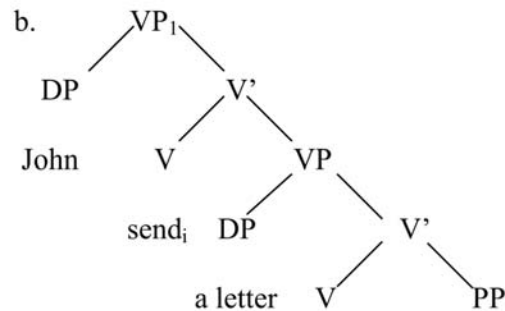


A sentença (10) ilustra a idéia principal da teoria larsoniana. Em (10a), o DP pós-verbal (*a letter*) parece ter o duplo *status* de objeto do verbo e de sujeito do predicado preposicional. Como proposta de análise, Larson (1988) assume que, em sentenças como (10a), o VP mais alto contém uma configuração de *small clause* como complemento. Há, segundo o autor, um tipo de *small clause* (que contém o DP pós-verbal) nos sintagmas verbais de construções desse tipo, mas que a *small clause* em questão é um VP nucleado por um vestígio do verbo.

⁷ Cinque, G. *The pseudo-relative and Acc-ing constructions after verbs of perception*. University of Venice, 1991.

⁸ Kayne, R. *Connecedness and binary branching*. Foris: Dordrecht, 1984.

(10) a. John sent a letter to Mary.⁹



A estrutura em (10b) reflete a hipótese de que o VP representa o núcleo temático da sentença e funciona como um tipo de constituinte *small clause*, em que ocorre a atribuição temática para todos os argumentos. A estrutura da sentença é representada por um núcleo temático, correspondendo ao núcleo predicacional, que é dominado por outras projeções funcionais.

A idéia de que todas as sentenças contêm VP *small clauses* em seu núcleo é, para Stowell (1995), não apenas natural, mas também logicamente necessária.

Neste artigo, é importante salientar que as visões de Koopman e Sportiche (1991) e de Larson (1988) contribuíram para colocar a questão das *small clauses* sob uma perspectiva diferente, já que deixaram de ser a minoria, isto é, a exceção e passaram a ser compreendidas como regra. Assim, com essas hipóteses, houve uma espécie de radicalização da Teoria *Small Clause* para outras construções além daquelas não-verbais originais para as quais a teoria foi criada. Tal fato já era esperado, pois a visão de Stowell diz respeito à predicação de uma forma em geral.

3. A teoria de Rothstein

Stowell (1983, 1995) defende que a *small clause* é formada por um único constituinte, ou seja, que o sujeito e o predicado da *small clause* formam um constituinte oracional. Essa análise de constituição proposta por Stowell é contestada por Rothstein (1995, p. 29) para os casos de estruturas como em (1c), repetida em (11c). Ou seja, a autora não considera *small clauses* construções como (11c). A tese de Rothstein é que, dentre as construções apontadas pela teoria de Stowell, apenas aquelas com ECM são *small clauses* (11a-b)¹⁰.

(11) a. We consider John clever.

⁹ A representação em (10b) não apresenta todos os movimentos realizados para a pronúncia, por isso, não aparece o verbo flexionado (*sent*).

¹⁰ Sobre as *small clauses* complementos de verbos como *considerar*, ver Gomes (2006).

b. John seems clever.

c. Angry at everyone, John left the party.

A autora estabelece as diferenças entre as estruturas (11a-b) e (11c), afirmando que se referem, respectivamente, à predicação oracional e predicação não-oracional (predicados adjuntos). Rothstein sugere que existem nessas estruturas dois tipos de predicados. Os predicados oracionais são casos de predicação primária e os não-oracionais, de predicação secundária.

Na predicação primária (11a-b), sujeito e predicado estão em comando mútuo, formam um constituinte juntos e o sujeito não é tematicamente licenciado fora da relação de predicação em que ocorre. A hipótese de Rothstein é que instâncias de predicação primária formam sentenças (IPs) ou então *small clauses*. Numa relação de predicação primária, o sujeito é licenciado pela relação de predicação. Em, por exemplo, *We consider John clever* (11a), o verbo *consider* seleciona todo o complemento oracional *John clever* ao qual atribui papel- χ interno. O fato de o verbo atribuir papel- χ a todo o constituinte oracional faz com que o NP *John* não receba dupla marcação temática.

Tanto os complementos de verbos ECM como *consider* (11a) como os complementos de verbos de alçamento (11b), segundo Rothstein, são casos de predicação primária e, portanto, são *small clauses*. A diferença entre essas estruturas é que em (11a) sujeito e predicativo permanecem juntos, enquanto em (11b) ficam separados. Em (11a), o predicativo fica junto de seu sujeito porque seu Caso Acusativo está disponível através de ECM pelo verbo matriz. A separação, em (11b), ocorre porque há um verbo de alçamento (*seem*), ou seja, o predicativo é alçado em busca de Caso.

Diferentemente da predicação primária, a predicação secundária (11c) não forma um constituinte (*small clause*). A predicação secundária, para Rothstein, ocorre quando o sujeito de um predicado secundário é um argumento também theta-marcado numa relação fora da relação de predicação secundária. Em *Angry at everyone, John left the party* (11c), *John* recebe marcação temática de *left* e de *angry*, que também é considerado um predicado.

Rothstein reconhece que sua análise dos predicados secundários viola o critério- χ proposto por Chomsky (1981)¹¹. Esse critério propõe que todo papel- χ deve ser atribuído a um e somente um argumento e que todo argumento deve receber um e somente um papel- χ . Para resolver esse problema, Rothstein adota a proposta de Schein (1995, p.50), que afirma que cada argumento suporta um papel- χ , e cada papel- χ é atribuído para um, e somente um, argumento. A questão a ser observada é que Schein apenas fala

¹¹ Vale lembrar que Stowell postula, para as estruturas que Rothstein denomina de predicados secundários, um PRO sujeito, como mostra a sentença (2c) [*PRO_i Angry at everyone*], *John_i left the party*. Ou seja, para Stowell, os predicados secundários de Rothstein são *small clauses*.

que um argumento não pode receber mais de um papel- χ do mesmo núcleo. Isso viabiliza a definição de predicado secundário de Rothstein.

Com esses pressupostos, Rothstein (1995) determina dois tipos diferentes de estruturas nos exemplos em (11). As *small clauses* que formam um único constituinte (como 11a-b) são instâncias de predicação primária. Já as estruturas que não formam um único constituinte são exemplos de predicação secundária (11c). Dessa forma, Rothstein afirma que embora (11c) pareça uma *small clause*, essa estrutura não pode ser considerada, de fato, uma *small clause*.

Considerações finais

Este artigo discutiu algumas teorias sobre as *small clauses*, salientando que existem diferentes posicionamentos sobre o tema e, conseqüentemente, várias estruturas são englobadas por este termo. Assim, não houve interesse em oferecer descrições exaustivas, mas sim um breve cenário do assunto e das estruturas tratadas como *small clauses* pela literatura.

A Teoria original *Small Clause* defendida por Stowell foi apresentada, abrindo caminho para reflexões sobre as suas principais extensões (Teorias VP *Shell* e Sujeito Interno a VP). A seguir, foram destacadas as seguintes construções: os complementos de verbos ECM como *considerar*, os verbos de alçamento, as construções adjuntas, as sentenças existenciais, as sentenças resultativas, os complementos de verbos de percepção e as construções dativas com duplo objeto. Finalmente, foi analisada a visão de Rothstein (1995, 2001), que faz uma separação das estruturas *small clauses* originais de Stowell em dois tipos diferentes de construções: predicados primários (*small clauses*) e predicados secundários.

Essa reflexão teórica mostrou que as *small clauses* constituem ainda uma temática bastante fértil para o desenvolvimento de futuras pesquisas, já que não existe um consenso sobre as construções que integram o conjunto destas construções e porque cada tipo ilustrado necessita de investigações aprofundadas.

Referências

CARDINALETTI, A.; GUAISTI, M. T. Small Clauses: some controversies and issues of acquisition. In: _____. *Syntax and Semantics: Small Clauses*. Vol. 28. Califórnia: Academic Press, 1995. p. 1-23.

CHOMSKY, N. *The logical structure of linguistic theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1975.

_____. *Lectures on government and binding*. Foris. Dordrecht, 1981.

- GOMES, A. R. G. *As small clauses complementos no português do Brasil*. Curitiba, 2006. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Paraná.
- KOOPMAN, H.; SPORTICHE, D. The position of subjects. In: *Lingua*. Vol. 85, 1991. p.211-258.
- LARSON, D. On the double object construction. In: *linguistic inquiry*. Vol. 19. Número 3. Massachusetts Institute of Technology, 1988. p. 335-391.
- MORO, A. Small Clauses with Predicative Nominals. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. *Syntax e semantics: Small Clauses*. Vol. 28. Califórnia: Academic Press, 1995. p.109-132.
- ROTHSTEIN, S. *Predicates and their Subjects*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2001.
- _____. Small Clauses e Copular Constructions. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. *Syntax e semantics: Small Clauses*. Vol. 28. Califórnia: Academic Press, 1995.
- SCHEIN, B. Small Clauses and Predication. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. *Syntax e semantics: Small Clauses*. Vol. 28. Califórnia: Academic Press, 1995.
- STARKE, M. On the Format for Small Clauses. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. *Syntax e semantics: Small Clauses*. Vol. 28. Califórnia: Academic Press, 1995.
- STOWELL, T. Remarks on Clause Structure. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. *Syntax e semantics: Small Clauses*. Vol. 28. Califórnia: Academic Press, 1995.
- _____. Subjects across categories. In: *The linguistic review* 2. 1983. p.285-312.
- WILLIAMS, E. Against small clauses. In: *Linguistic inquiry* 14. 1983. p. 287-308.